

Passinho dos maloka nas aulas de Educação Física

Vinicius Paixão de Carvalho

O presente trabalho foi realizado durante todo o segundo semestre de 2019, junto às turmas do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Terezinha Mota de Figueiredo, localizada na Zona de Sul de São Paulo, no bairro do Jardim São Bento Novo, região do Capão Redondo.

Antes do começo das aulas, em uma reunião de planejamento, busquei alguns companheiros para obter informações sobre essas turmas. Considerando que seria meu primeiro contato com elas, precisava saber um pouco sobre o que estudaram nas aulas de Educação Física dos anos anteriores.

Iniciado o ano letivo, conversei com os alunos e soube que a maior parte de suas experiências abarcavam os esportes coletivos e as brincadeiras, mesmo que tenham sido lembrados que as ginásticas, danças e lutas também podem ser abordadas.

Após dialogar bastante, decidi tematizar a ginástica de academia. O tema gerou descontentamento nas turmas que diariamente reivindicavam aulas livres. Persistindo na proposta, convidei dois professores que atuam em academias do bairro para promover vivências da zumba. Observei, nessas ocasiões, que alguns estudantes realizavam passinhos de funk.

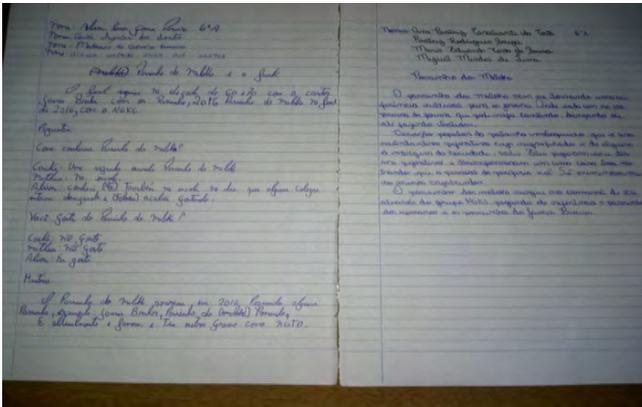
Certo dia, enquanto caminhávamos da sala de aula para a quadra, um automóvel passava na rua em frente à escola, divulgando as atrações do circo instalado nas proximidades. Quando o alto-falante tocou o funk *Movimento da Sanfoninha* da cantora Anita, vários estudantes repetiram a gestualidade que fizeram durante as vivências da zumba. Isso me fez pensar que no segundo semestre poderíamos abordar a dança.



Estudantes dançando ao som do *Movimento da Sanfoninha*

Tão logo retornamos do recesso de meio do ano, apresentei às turmas as fotografias acima e informei que naquele semestre estudaríamos a “dança dos passinhos”. O celular circulou de mão em mão: “elas estão dançando o passinho dos maloka”, “que dança é essa?”, “af, nada a ver com passinho dos maloka”. Diante das falas, redefinimos o tema proposto, em vez de “dança dos passinhos”, seria o “passinho dos maloka”.

Solicitei à turma que se organizassem em grupos para discutir e, na sequência, registrar por escrito o que sabiam sobre o passinho dos maloka, onde surgiu, que grupos dançam, onde aprenderam a dançar e o significado da palavra maloka. Cada grupo expôs à turma o conteúdo das suas anotações e, mais uma vez, constatei divergências nos posicionamentos.



Registro da atividade

O encontro seguinte aconteceu na sala de vídeo. O acesso à internet e as caixas de som possibilitaram a organização do nosso primeiro “baile dos malokas”.





Baile dos malokas

Os estudantes sentiram-se livres para escolher as músicas e se dançariam ou não. Alguns preferiram ficar sentados, apenas observando. Disseram que não estavam a fim, não sabiam ou não gostavam.

Na semana posterior, o professor da sala de informática ajudou-nos a selecionar materiais para uma pesquisa. Visitamos alguns portais, acessamos e selecionamos vídeos no Youtube. Anotamos os links na lousa como sugestões para conhecer um pouco mais sobre o tema. Quem conhecia os materiais indicados, optou por buscar outras referências. Todos foram orientados a registrar as informações que julgassem relevantes acerca do passinho dos maloka.



Pesquisa na sala de informática

No encontro seguinte os resultados das pesquisas foram apresentados. Disseram que o passinho dos malocas surgiu no carnaval de 2017, quando um grupo de garotos se reunia na escola para ir até a Avenida Faria Lima sair nos blocos. Começaram a juntar o passinho do romano com outras danças.

Muitos estudantes relataram que o contato com o passinho malocas dera-se por meio de vídeos do Youtube, parentes e amigos do bairro ou na própria escola. Uma garota do 6º C relatou que na *Fábrica de Cultura* do Capão Redondo acontecem várias atividades de dança das quais participavam colegas de outras turmas. Inclusive, um grupo de funk ensaiava no local.

A informação me levou até a Karine, estudante do 9º ano que frequentava as aulas de break dance na *Fábrica de Cultura*. Contou que o NGKS (Negrokis), grupo muito conhecido dos alunos, usava o espaço e, às vezes, faziam aulas juntos. Como havíamos pesquisado que o passinho dos maloka sofreu influências de outros ritmos e danças, convidei a estudante para desenvolver uma prática com o pessoal do 6º ano, falar sobre suas experiências com a dança e seu convívio com a galera do NGKS.



Atividade de break dance com aluna Karine do 9º ano C

À medida em que caminhava, o trabalho se potencializava com a participação dos meninos e meninas, mesmo aqueles alunos que não dançavam, contribuíam com questionamentos e registros do que ocorria, além de buscar novas informações. Quando circulava pelos corredores da escola, ouvia comentários, perguntas e percebia o interesse de outras turmas com o que o 6º ano estava estudando. Concluí que deveria envolver mais pessoas, todas poderiam contribuir com seus conhecimentos.

Propus a realização de uma entrevista com pessoas diferentes sobre o tema do semestre. Como também me senti na obrigação de saber mais do assunto, solicitei a amigos e parentes em grupos de WhatsApp que me ajudassem, filmando ou gravando suas opiniões a respeito do funk e, caso conhecessem, do passinho dos maloka. Muitos sequer ouviram falar do tal passinho, mas em relação ao funk não faltaram manifestações de reprovação: “essa música é de gente indecente”; “só fala palavrão”; “tem apelo sexual”; “incenti-

va o consumo de drogas”, “expõe a mulher como objeto sexual”.

Esses materiais foram apresentados às turmas que também trouxeram áudios, vídeos e relatos escritos de muitas pessoas. Percebemos falas assemelhadas, tanto na crítica ao funk, como se fosse o causador de todos os problemas sociais, mas também vários depoimentos de homens e mulheres que apreciam o ritmo musical.

Perante os relatos das entrevistas e falas dos alunos, realizei novas pesquisas sobre o passinho dos maloka e o funk e organizei uma apresentação em power point com os assuntos que emergiram. Abordei a história do funk, desde o movimento iniciado por James Brown, nos Estados Unidos, que também sofreu perseguições e proibições em algumas cidades, assim como aconteceu com o rap, samba e capoeira, produtos das culturas periféricas. Ressaltei que o termo “maloka” é associado a um contexto negativo, funcionando como marcador de identidade de um grupo ou pessoa, basicamente, morador da periferia.

Num momento de reflexão sobre os acontecimentos das aulas durante uma conversa com minha companheira, ela me lembrou de um ex-aluno que dançava funk, lembrei que fazia parte de um grupo, talvez, se ele fosse à escola para dialogar com as turmas seria possível romper representações preconceituosas em torno do passinho dos maloka. Consegui o contato dele e imediatamente agendamos uma conversa com os estudantes.

Os meninos e meninas acharam uma excelente ideia interagir com alguém ligado ao funk. Ao saberem de quem se tratava, fui surpreendido pelo frenesi. Nem suspeitava que esse meu ex-aluno e seu grupo são uma grande referência no passinho dos maloka. Antes de recebê-los, combinamos como seria a atividade e elaboramos perguntas a serem feitas na ocasião.



Elaborando as perguntas

Como a situação implicaria na junção das três turmas, ficou decidido que cada qual elegeria dois representantes para fazer as

perguntas que a turma elaborou, porém nada impediria outros alunos de intervirem durante atividade. Entrei em contato com Yuri (membro do grupo Negritude - NGTD) para explicar a dinâmica, ele concordou e disse que faria também um pocket show.

Chegado o dia tão esperado, a escola estava alvoroçada. Outras turmas querendo participar, alunos chorando de emoção ao saber que receberiam o NGTD na própria escola. Em função do espaço, não foi possível atender a todos, mas alguns alunos deram um jeitinho de acompanhar apresentação.



Momento da apresentação do grupo NGTD



Dançando com o grupo

A presença dos dançarinos foi muito significativa para nosso trabalho. Pudemos conhecer um pouco mais sobre a prática corporal e sobre um grupo que tanto influencia os jovens da periferia, desde sua forma de vestir, o modo de falar, passando pelo corte de cabelo. Porém, uma questão ficaram no ar. Ao serem questionados se haviam sofrido algum tipo preconceito ou discriminação, responderam que sim, mas que não ligavam para comentários negativos. Notei que a resposta deixou alguns estudantes intrigados e outros decepcionados, pois havíamos discutido que as razões do preconceito têm relação com o local de origem e os sujeitos envolvidos nas práticas mal vistas por parte da sociedade.

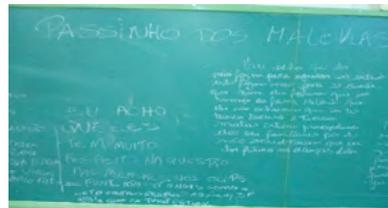
Na semana seguinte conversamos sobre a visita do NGTD. Muitos meninos e meninas elogiaram a atividade e agradeceram a oportunidade de conhecer pessoalmente o grupo. Aproveitei para retomar as conversas sobre o preconceito em torno do funk. Li uma matéria publicada no *Diário de Pernambuco*: “Entenda o passinho dos maloka, fenômeno que está renovando o brega funk”, em que jovens moradores do bairro de Santo Amaro, no Recife, descrevem como o passinho dos maloka tem influenciado o brega funk, tornando-se uma opção de lazer e gerado empregos, seja na produção de vídeos ou na criação e confecção de roupas.

Como a data da feira cultural da escola se aproximava, a qual tinha como eixo temático a diversidade, as turmas foram estimuladas a se organizar e preparar uma apresentação com o tema estudado durante o semestre. Durante os preparativos, contamos com a colaboração do Gabriel do 9º A, que ajudou na mixagem das músicas.



Apresentação na feira cultural

Finalizando o trabalho, solicitei aos estudantes que registrassem na lousa suas opiniões sobre tudo o que fizemos. Os comentários foram transpostos para o meu caderno. Por iniciativa própria, os estudantes gravaram um videoclipe com o tema, tendo por cenário ambientes variados da escola.



Avaliação do trabalho realizado

Analisando os registros, concluo que o tema permitiu conhecer mais sobre o universo dos alunos e o fato de desenvolver práticas que dialoguem com sua cultura criou a possibilidade de debate dos discursos preconceituosos que circulam na e sobre a comunidade escolar. No decorrer do trabalho, constatamos a importância do funk e do passinho dos maloka para construção da identidade de muitos jovens moradores da periferia.

* * *

Dedico a escrita deste relato aos alunos dos 6^a anos A, B e C. Nossos conflitos iniciais foram extremamente relevantes para o desenvolvimento das aulas. Buscamos romper com o discurso preconceituoso em torno do passinho dos maloka e que o termo maloka vem ganhando um novo significado: dizer “eu sou malokeiro” deixou de ser algo ruim.